

\*Obs. Este texto foi produzido p/ o CEDI; estamos esperando os resultados da expedição que está sendo feita agora p/ produzir um especialmente encontro.

"ÍNDIOS ISOLADOS ENTRE OS RIOS BRANCO E MADEIRINHA" p/ o Encontro.

*Carvalho*

Na segunda quinzena de out/84 foi constatada a existência de um grupo indígena ainda isolado que tem por habitat a área compreendida entre os rios Branco e Madeirinha, afluentes do Roosevelt (Aripuanã-MT). O levantamento, efetuado por João Lobato, indigenista da Operação Anchieta (OPAN), a partir de solicitação da Equipe de Avaliação do POLONOROESTE e da 8ª DR da FUNAI-RO, consistia em constatar a veracidade de informações sobre a presença de alguns membros de um grupo indígena que ocasionalmente aproximavam-se das sedes das fazendas da região e de uma índia que, evadida há uns dois anos do grupo, fora "adotada" pelo gerente da fazenda Mudança, e desenvolver estudos de identificação e levantamento ocupacional destes índios.

Deslocamo-nos para a sede principal da fazenda Mudança, à margem esquerda do rio Branco, em meados de set/84, sendo mantido no decorrer do levantamento contato permanente com "Rita", a índia "adotada" e "Cumpadre", um velho índio que ocasionalmente visitava "Rita" na referida sede. O tipo físico destes índios é bastante peculiar: tanto "Rita" quanto "Cumpadre" não ultrapassam um metro e meio de altura, e possuem o rosto muito arredondado. Ele tem em suas faces alguns fios de barba bem compridos, um bigode relativamente espesso e um cavanhaque que lhe dá o aspecto de um velho chinês. Quando de sua chegada à sede, sua indumentária

tária consistia em um "boné", restos de um velho e sujo lençol, que trazia à cabeça e uma cinta feita com inúmeras voltas de um cipó de média espessura que, por sua vez, era circundado parcialmente com fibras de embira; preso à cinta, usava um pano que, feito avental, deixava as nádegas expostas. Usava ainda uma proteção peniana em forma de canudo com uns 20 cm de comprimento, confeccionada com folhas e amarrada ao meio por várias voltas de um fino cipó.

Estes contatos permitiram-nos colher um vocabulário básico e a gravação de três fitas. Não obstante a importância da gravação, infelizmente o gravador não capta os inúmeros gestos e expressões faciais, carregados de emoção e arte, demonstrando o quanto sua linguagem é viva expressão de dança, representada por palmas, saltos, muitos movimentos e intensa teatralidade enquanto conversam.

Através do material levantado e contando com a assessoria do linguista Márcio Silva, da UNICAMP, pudemos identificar este grupo como pertencente ao Tronco Tupi e Família Linguística Guaraní. Conforme posterior levantamento etnográfico, seriam remanescentes dos "Tupis Centrais" (Von Martius) e, segundo Curt Nimuendajú, dos denominados "Kawahíb", nome genérico para diversos povos Tupi Guaraní habitantes da área Tapajós-Madeira. Povos guerreiros e agricultores que, após dispersão forçada pelos Mun-

durukus, teriam sido cada vez mais dizimados e acuados, devido às sucessivas "correrias" inflingidas pelos "Soldados da Borracha" quando da expansão da atividade seringalista na região. Posteriormente, a partir do final da década de 60, com a implantação de fazendas, os Kawahíb, em número cada vez menor e a cada dia mais vulneráveis aos invasores, vêem-se encurralados pelo avanço de homens e bois sobre seu território.

Após um período de prolongada apreensão e desconfiança com os contínuos movimentos da população envolvente dentro de sua área, alguns membros deste povo iniciam, não sem cautela, uma aproximação das instalações das fazendas e colocações de seringueiros às margens do rio Branco. No início de 1983, "Rita", cujo marido e filhos haviam morrido, chega sozinha à sede principal da fazenda Mudança, onde é instalada, e meses depois alguns membros do grupo passam a visitá-la, iniciando-se contatos cada vez mais próximos com a população envolvente o que, embora de forma intermitente e limitado a poucos membros do grupo, propicia alto risco de introdução de doenças infecto-contagiosas para as quais não possuem resistência imunológica.


Repetidos incidentes de atitudes abusivas dos trabalhadores da fazenda para com "Rita" levam o gerente da mesma a retirá-la para sua residência em Ji-Paraná, privando-a do contato com seus parentes.

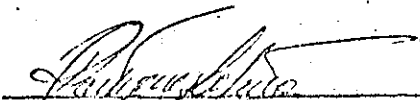
Passado quase um ano desde o primeiro levantamento sem que a FUNAI desse qualquer notícia quanto ao encaminhamento da questão, resolvemos retomá-la realizando em maio/85, com o apoio de Dom Tomás Balduino, sobrevôos na região, com o intuito de localizar clareiras e sinais da presença indígena, não sendo encontrados quaisquer indícios visíveis. A partir dos dados coligidos em área e através dos depoimentos de "Rita" e "Cunpadre" e de informações dos regionais, encaminhamos em junho/85 a Proposta de Interdição da área, no intento de salvaguardar legalmente o território indígena ante a expansão dos empreendimentos intrusos no mesmo e a possibilidade de um contato trágico. Deste encaminhamento constituiu-se um GT (Port. 1938/E de 25/09/85) para desenvolver estudos e sedimentar o contato.

Nas expedições realizadas pelo GT vários sinais evidentes, como tapiris, foram encontrados, demonstrando ser a área de ocupação indígena. Dificultadas pela estação das águas, que não propiciou o contato, os membros da FUNAI integrantes do GT coordenado pelo sertanista Sydney Possuelo, embargam a proposta de delimitação, alegando a insuficiência de dados, e sugerindo que o membro da OPAN dê continuidade aos trabalhos, visando reunir os dados exigidos para o encaminhamento da delimitação. Este, colocando-se à disposição da 8ª DR a partir da segunda quinzena de novembro, depara-se com desgastante espera e numerosos percalços

e morosidade na atuação da FUNAI. Finalmente, em meados de dezembro é realizada nova expedição, coordenada por João Lobato, tendo desta vez como integrante a índia "Rita". A inclusão desta, que aceitou participar da expedição após ter fugido da casa do gerente da fazenda e ter permanecido por um período na Casa do Índio, em Ji-Paraná, foi fundamental, pois permanecia em sua memória diversos trajetos e localidades utilizadas por seu povo. Com a orientação de "Rita" são encontrados progressivamente um grande número de tapiris e algumas malocas, já abandonadas, o que é compreensível considerando o afastamento de quase quatro anos de "Rita" de seu habitat de origem. Problemas de saúde e dificuldades climáticas fazem com que a equipe retorne em meados de jan/86 sem efetivar o contato, o que poderia ter ocorrido a qualquer momento.

Novo relatório é encaminhado em fins de maio/86 à 8ª DR e, posteriormente, à presidência do órgão, onde, reafirmando o caráter de urgência no encaminhamento eletivo da área e contestando o posicionamento firmado pela FUNAI sobre a questão, reiteramos a Proposta de Interdição inclusa no Processo nº 002058 de 27/06/85. No sentido de salvaguardar os direitos e interesses deste povo indígena sobre seu território.

  
João Carlos Lobato

  
Rosa Carvalhães

Cuiabá, 04 de junho de 1986